

Arquiteturas de madeira: uma cartografia de Lages-SC

Rafael Marcos Zatta Krahl

Arquiteto-urbanista, Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, UFSC – PPGAU PósARQ, Brasil
rafaelkrahl@gmail.com

Evandro Fiorin

Professor Doutor, UFSC, Brasil.
evandro.fiorin@ufsc.br

RESUMO

Este artigo busca analisar as arquiteturas de madeira no contexto da cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina. Um trabalho que se produz como desdobramento de outras ações e que busca construir uma cartografia das arquiteturas de madeira desde a macrorregião do Estado de Santa Catarina, até uma microterritorialidade, analisando os detalhes de um galpão de madeira no município de Lages-SC. Os dados utilizados são provenientes de referenciais bibliográficos e pistas sobre as arquiteturas de madeira derivadas de um trabalho de campo, com caráter exploratório e sujeito ao descobrimento, à surpresa e ao imprevisto. Nesse processo histórico, a arquitetura em madeira catarinense, de modo geral, acompanhou o processo de transformação histórica, cultural e econômica do seu contexto. Tem seu início com as habitações indígenas, métodos trazidos pelos colonizadores portugueses com a incorporação e adaptações aos recursos locais, alterando-se, posteriormente, com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente durante o século XIX, diante da diversidade de tradições culturais e a intensificação e mecanização da exploração madeireira. Assim, busca-se desenhar, por meio de dados e pistas, cartogramas que mapeiam a arquitetura de madeira, de modo a caracterizar seus traços culturais, raízes tecnológicas e laços vernaculares. Um processo que pretende, assim, registrar as riquezas de um saber difundido em grande parte das construções de habitações populares no Estado de Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Arquitetura de Madeira. Cultura Arquitetônica.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar as arquiteturas de madeira no contexto da cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina. Um trabalho que se produz como desdobramento de outras ações, tais como, um pequeno recorte que outrora registrou as arquiteturas de madeira situadas no entorno da antiga madeireira Batistella, também em Lages-SC (KRAHL, 2018). Vale ressaltar que o tema da arquitetura de madeira se revela como parte da cultura no Estado de Santa Catarina, seja pela questão climática ou pela chegada dos imigrantes europeus nessa região. Expressão cultural lida por alguns autores como genuinamente nacional, a ideia da “casa de araucária” é uma marca da existência de uma arquitetura característica do Sul do Brasil.

A madeira sempre foi um material acessível ao ser humano e, por isso, se revelou uma matéria-prima indispensável para sua sobrevivência e para a construção de habitações. Cada civilização, de acordo suas características e necessidades, atribuiu à madeira determinados usos. Nesse processo histórico, a arquitetura em madeira catarinense, de modo geral, acompanhou o processo de transformação histórica, cultural e econômica do seu contexto. Tem seu início com as habitações indígenas, métodos trazidos pelos colonizadores portugueses com a incorporação e adaptações aos recursos locais, alterando-se, posteriormente, com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente, durante o século XIX, diante da diversidade de tradições culturais e a intensificação e mecanização da exploração madeireira. Portanto, essa expressão arquitetônica pode ser lida como síntese do processo de evolução pelo qual passou a arquitetura catarinense, tendo profunda ligação com o desenho de uma cultura arquitetônica do Sul do Brasil que produz arquiteturas de madeira.

O objetivo desse trabalho é construir uma cartografia das arquiteturas de madeira em diversas escalas, a partir da identificação das concentrações de exemplares do ciclo da indústria da madeira nas cidades de Santa Catarina; depois, a arquitetura de madeira em Lages-SC; e por fim, uma análise mais detalhada de um desses exemplares. Assim, busca-se desenhar, por meio de dados e pistas, cartogramas que mapeiam a arquitetura de madeira, de modo a caracterizar seus traços culturais, raízes tecnológicas e laços vernaculares. Um processo que pretende, dessa forma, registrar as riquezas de um saber difundido em grande parte das construções de habitações populares no Estado de Santa Catarina.

2 METODOLOGIA

Buscamos construir uma cartografia das arquiteturas de madeira em diversas escalas, ou seja, desde uma macrorregião, tendo como referência o Estado de Santa Catarina, até uma microterritorialidade, analisando os detalhes de um galpão de madeira no município de Lages-SC. Os dados que utilizamos são provenientes de referenciais bibliográficos quando tratamos do contexto geográfico estadual, enquanto as pistas sobre as arquiteturas de madeira analisadas aqui derivam da busca por pistas em um trabalho de campo, com caráter exploratório e sujeito ao descobrimento, à surpresa e ao imprevisto – um fazer científico nômade (FIORIN, 2022).

Assim, utiliza-se um processo de construção do conhecimento que reúne os registros levantados em campo sob o método da cartografia ora descrito por Passos, Kastrup e Escóssia (2020), onde um “fazer para saber” orienta o trabalho de pesquisa de modo não-prescritivo; ou seja, sem regras prontas, o que não significa dizer que é uma ação sem direção. Constitui-se como um ponto de partida que não tem diretrizes específicas ou fórmulas pré-concebidas, mas tem como o seu pressuposto o plano da experiência: “a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BARROS, 2020).

Portanto, para se compreender as peculiaridades de cada uma dessas edificações foi realizado um levantamento fotográfico, tendo como base o pensamento cartográfico. A partir deste, não são apenas reveladas as informações supostamente esperadas em relação ao objeto pesquisado, no caso as arquiteturas de madeira, mas também outros aspectos muito próprios a ele, suficientes para revelar a surpresa e redimensionar a pesquisa. “Frestas entreabertas que aguçam nosso olhar e nossos sentidos e nos levam a uma possibilidade de perceber e interagir com o espaço como uma forma de interpretação singular”, dentro da prática do caminhar como modalidade de pesquisa (SOUZA; FIORIN; RODRIGUES, 2021).

Nesse sentido, cabe destacar que essas idas a campo não são apenas para fotografar essas edificações de madeira, mas servem também para um entendimento sobre o que não é passível de se fotografar, ou seja, os aspectos fenomenológicos da arquitetura, daquela que será vivenciada pela experiência. A esses aspectos está ligada a própria essência do ser humano que percebe, interpreta e age de acordo com os estímulos de seu contexto. Esse contexto, por sua vez, está inevitavelmente ligado à arquitetura, o que, para Pallasma (2013), significa que as imagens da arquitetura “conseguem tocar nossas emoções se fundamentam em nossas relações inconscientes e em nossa historicidade biológica”.

Sendo, portanto, a arquitetura entendida como articuladora do encontro do mundo com a mente humana (PALLASMA, 2013), conseqüentemente se revela com a função de materialização também do que somos, a expressão de nossa constituição e cultura, descrita por Pallasma (2011) como função atemporal de “criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturem nossa existência no mundo. (...) em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos”.

3 ARQUITETURAS DE MADEIRA

No Brasil, as antigas habitações indígenas são as primeiras edificações a empregarem a madeira como método construtivo e, apesar de serem consideradas primitivas e rústicas, atendiam às necessidades de seus usuários e às exigências climáticas da região. Segundo Silva (2000), muitos elementos das técnicas construtivas indígenas foram incorporados aos métodos trazidos pelos colonizadores portugueses, como o pau-a-pique¹, por exemplo, e são empregados

¹ O pau-a-pique não é estrutural, mas uma técnica de vedação. Trata-se, basicamente, de uma trama de madeira constituída por paus verticais (paus a pique) presos, em ambos os lados, a paus horizontais sobre os quais aplica-se manualmente uma argamassa de barro para preencher seus vazios. (OLENDER, 2006)

até hoje em regiões do país onde não há disponibilidade de outros recursos.

Na região do Planalto Catarinense, os Índios Caingangue construíram aldeias cujas edificações eram semienterradas e totalmente fechadas com folhas e galhos para proteção do frio, assumindo a forma de habitações subterrâneas. Essa técnica, porém, perdeu-se no tempo e, atualmente, contamos apenas com os vestígios arqueológicos como fonte de conhecimento dessa arquitetura como revisado por Beber (2016).

Os colonizadores portugueses povoaram a região e fundaram Lages em 1766, onde, já nessa época, grande parte das edificações eram construídas de madeira devido à disponibilidade de extração do material nas matas de araucária abundantes da região. Segundo Santos (2015), a região serrana de Santa Catarina e parte dos Campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, constituem as únicas áreas de ocorrência da tradição construtiva luso-brasileira em que houve residências confeccionadas totalmente em madeira, definidas pelo pesquisador Avé-Lallemant², em 1858, como "a completa expressão do planalto de Santa Catarina", ou a casa "genuinamente nacional", referindo-se às casas de fazenda construídas em araucária que conheceu em Lages (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 63).

A chegada dos imigrantes europeus no século XIX alterou o processo de utilização da madeira na construção em toda a região sul do Brasil. A diversidade de tradições culturais trouxe ainda novas soluções arquitetônicas, aliadas às novas técnicas construtivas. A virada do século presenciou a intensificação e mecanização da exploração madeireira e a instalação de serrarias, o que permitiu uma padronização de elementos construtivos e uma difusão da arquitetura em madeira.

Figura 1 – Cartograma de concentração das arquiteturas de madeira em Santa Catarina



Fonte: Elaborado pelos autores (2022) com base nos levantamentos de Claro (1991, p. 179).

Nesse contexto, Peixer (2002) analisa alguns fatores pontuados como fundamentais para o processo de formação da cidade de Lages. Dentre eles podem-se destacar: o êxodo rural provocado pela atração de mão-de-obra durante o ciclo da madeira (1940-1970); o investimento

² Robert Christian Barthold Avé-Lallemant nasceu em 25 de julho de 1812, em Lübeck, na Alemanha. Estabeleceu-se no Brasil, como médico no Rio de Janeiro, e foi conhecido por suas viagens exploratórias pelo país, além de também ter influenciado o sistema de saúde brasileiro. (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 2020)

conservador em terras e imóveis, como uma opção de especulação ou transformação delas em áreas de lazer e ou improdutivas economicamente; os interesses dos grupos econômicos locais refletidos nas intervenções na cidade e na produção do espaço urbano, social, político e cultural, consolidando o poder dominante desses grupos; a interação e a forma de ocupação do espaço pelos diferentes grupos étnicos que compõem a população lageana.

Lages é produto das ações de diversos grupos, que geraram como resultado espaços múltiplos e heterogêneos. A respeito desse processo de formação, Corrêa (2004) conceitua o espaço urbano capitalista como um produto social, resultado das ações acumuladas através do tempo e executadas pelos chamados agentes sociais concretos, que produzem e consomem espaço. A complexidade das ações destes agentes – percebida, inclusive, na história de Lages – deriva-se, basicamente, do processo de acúmulo de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos muitos conflitos de classe que emergem dessa complexidade.

A intervenção do Estado na produção e definição do espaço urbano foi um elemento constante na cidade, um marco desde o início da ocupação da região, já na implantação da vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos das Lajens. Para Martins (1994 apud Peixer, 2002), Lages se configura como o resultado de uma modernidade tardia, caracterizada pela produção urbana hierarquizada, centralizada e definida por um pacto territorial que privilegia, justamente, os interesses de grupos economicamente fortes.

Para Reis Filho (1978), o estudo da evolução das cidades é importante para que se possa transformá-las, pois, em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana em que se instala. Sobre a arquitetura em Lages, a produção local seguiu alguns caminhos semelhantes ao cenário nacional. Santos (p. 52, 2015) descreve aspectos que definiram a produção arquitetônica local até o final do século XIX: a tradição construtiva portuguesa, que influenciou todas as regiões do país; a sociedade moldada pela pecuária extensiva e dominada pela aristocracia rural; o trabalho escravo; o emprego de conhecimentos construtivos tradicionais e também inovações mediante adaptação ao contexto local.

A região central da cidade, atual bairro Centro, é o núcleo onde se originou a cidade. Era composto por poucas ruas, e seu traçado foi definido ainda na primeira ocupação, a partir de três praças centrais unidas pela principal rua do traçado. Apenas no século XX a malha urbana da cidade teve certo crescimento e as primeiras grandes mudanças aconteceram nos espaços políticos, religiosos, comerciais e de lazer. De acordo com Peixer (2002), houve três marcos significativos dessas mudanças que inseriram os novos traços na arquitetura: a construção do Palácio Municipal (1901); a Catedral Nossa Senhora dos Prazeres (1912-1922); e o grupo escolar Vidal Ramos (1912-1913).

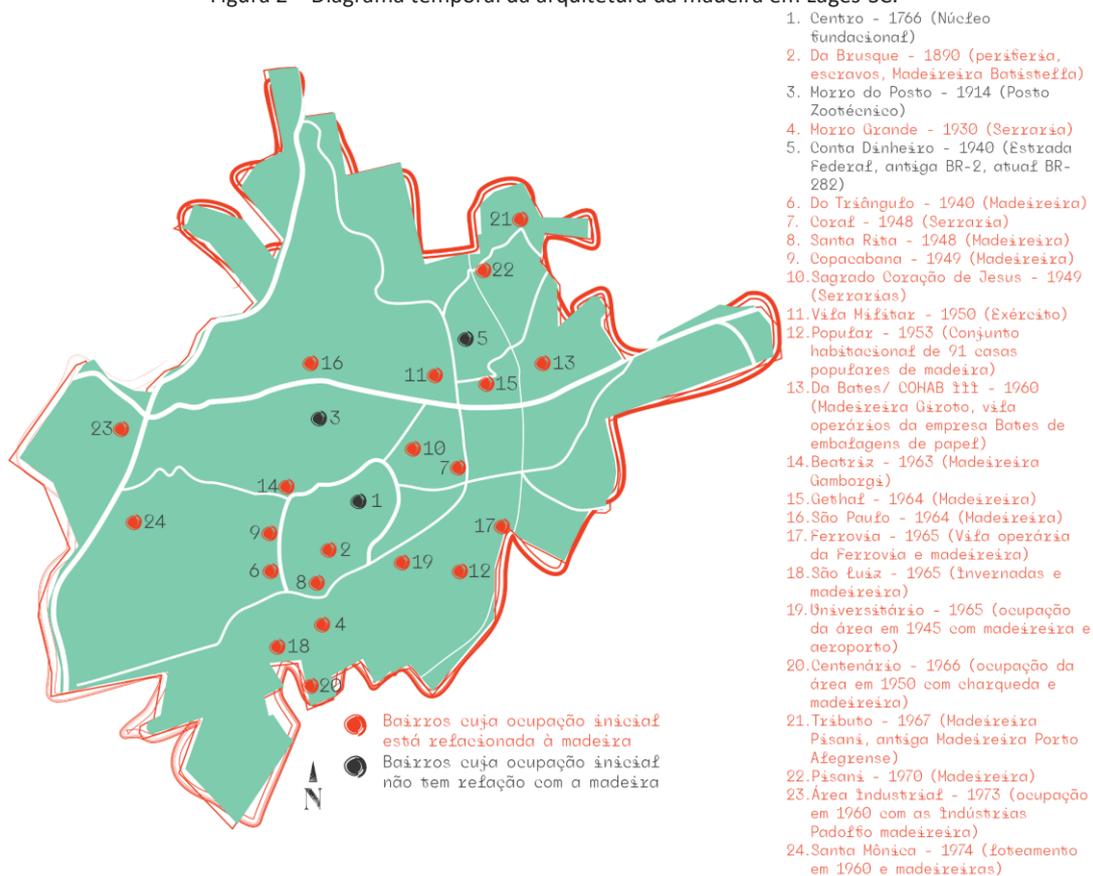
Devido à abundância de matéria-prima, Lages se tornou, a partir da década de 1930, um polo de extrativismo da madeira sendo, por exemplo, uma das principais fornecedoras de madeira para a construção da cidade de Brasília. Esse fato atraiu muitas pessoas para a cidade – tanto imigrantes italianos que fundaram as serrarias, quanto a população rural do planalto e oeste catarinense, que serviam de mão de obra geral. Com isso, houve o desenvolvimento deste setor, que agora tinha maior importância regional que a pecuária, principal atividade econômica até então.

As novas influências da mão-de-obra recém-chegada à cidade alteraram o processo de utilização da madeira na construção. A diversidade de tradições culturais trouxe novas soluções

arquitetônicas, assim como novas técnicas construtivas e o emprego de novos materiais. Nesse período, a intensificação e mecanização da exploração madeireira e a instalação de serrarias permitiu a padronização de elementos construtivos e a difusão da arquitetura em madeira. Devido a estes fatores, foi possível criar uma arquitetura característica, conhecida como "Casa de Araucária", exclusivamente brasileira e comum ainda hoje nas paisagens urbana e rural da região Sul do Brasil.

Por consequência deste enorme crescimento populacional, houve, no mesmo período, o desenvolvimento da construção civil na cidade, que se baseou na casa de madeira popular. É possível dizer que essa tipologia foi difundida por todo o Estado de Santa Catarina. Assim, o que antes apresentava alguns aspectos técnicos e estéticos característicos das diferentes culturas de imigrantes (açorianos, alemães, italianos, poloneses, entre os principais), passou a acompanhar um processo de miscigenação cultural que se uniformiza à medida que se populariza. Para Claro (1991, p.187) este sistema tradicional de construção de madeira é a síntese do processo de evolução histórica, cultural e econômica pela qual passou a arquitetura em madeira catarinense, sendo o sistema que encontramos mais difundido entre as construções de habitações populares, praticamente utilizado em todo o estado, com pequenas variações. Todavia, todo esse sistema de extração da madeira desenfreado na cidade de Lages deveria ser reconsiderado para que pudesse ser sustentável.

Figura 2 – Diagrama temporal da arquitetura da madeira em Lages-SC.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Dados do Correio Lageano, em edição especial de Aniversário de Lages, mostram que no auge do ciclo madeireiro, entre 1950 e 1960, iniciou-se a exportação de madeira serrada, primeiro para o mercado Latino, Europa e, posteriormente, para o mercado norte-americano.

De acordo com o Instituto Nacional do Pinho, a região do Planalto Serrano era responsável por 64% do volume de exportações de madeira do país, enquanto os 36% restantes eram de matas do Paraná e Rio Grande do Sul.

Segundo Costa (1982) Lages foi também responsável por significativa parte da madeira consumida pela construção da nova capital federal, a partir de 1957. De acordo com Hildebrando (2009), a exploração das florestas de araucária nos anos 1950 foi tão intensa que aproximadamente 157 serrarias e 12 outras indústrias similares operavam na região (COSTA, 1982), empregando uma relativamente abundante mão-de-obra em um sistema extrativista que era nitidamente predatório.

Figura 3 – Cartograma de algumas arquiteturas de madeira encontradas nos bairros Brusque e Popular em Lages-SC



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Ainda assim, a referência cultural da "Arquitetura de madeira" é marcante na cultura local e, como tal, expressa as relações existentes, entre usuário-edificação, que vão além da sua materialidade e, por isso, mantém-se viva até os dias de hoje, embora seja menos difundida e

estudada – segundo dados do Censo 2010 (IBGE), mais de um terço do total de domicílios da cidade é de madeira. Entre as arquiteturas de madeira que levantamos, em sua maioria casas, encontrou-se uma arquitetura “do fazer”; um galpão emblemático, de estrutura simples, feito de madeira serrada, que chamou a atenção pelo seu tamanho em relação às demais edificações das circunvizinhanças.

Figura 4 – Arquitetura de madeira na rua Horácio Lenzi, no bairro Da Brusque em Lages-SC.



Galpão Oficina de Marcenaria

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Este grande pavilhão com vedações laterais de tábuas verticais em estado natural, sem acabamento ou pintura e uma cobertura de telhas cerâmicas do tipo francesa é uma oficina de marcenaria. A partir dele compreendemos duas questões importantes: uma relacionada à arquitetura de madeira; outra que diz respeito às lições culturais do próprio artefato de madeira. Ele retroalimenta o sentido cultural da madeira que queremos discutir, é material e método, um fazer e um saber. Recuperamos assim, pelo viés do detalhe, o sentido do método da cartografia, do macro, ao micro, avançamos para retroceder.

Ao adentrar no galpão passando pela destacada porta amarela de ferro com vidros e um gradil trabalhado, destaca-se a bela estrutura de telhado apoiada em tesouras feitas de madeira serrada pregada, as quais vencem um vão de quase nove metros, criando o espaço de trabalho amplo, onde tudo se comunica e onde, há mais de sessenta anos, se trabalha com a madeira. Sobre o assoalho de tábuas sustentado por barrotes de araucária, podem ser vistas as bancadas de trabalho, ferramentas e alguns móveis e peças em processo de restauração. Abaixo do assoalho, uma base elevada do solo feita de alvenaria de tijolos maciços recria um porão aproveitando o desnível no terreno.

O registro de como a arquitetura é recriada nesse galpão foi feito durante uma tarde de conversas, acompanhando o trabalho do ‘tio Marco’ e seu filho, o Marco Júnior. Assim, esse

galpão representa a história da cultura de três gerações da família marcada pelo vínculo com o ofício de marcenaria. O pai do ‘tio Marco’, Sr. Lourival Ferraz, foi quem começou a trabalhar com madeira e, em 1956, construiu a oficina, que chegou a possuir mais de vinte funcionários. Ele veio do interior de Lages e foi adotado por uma família de alemães com quem aprendeu essa profissão. Posteriormente, foi para a cidade de São Paulo trabalhar em uma grande marcenaria, onde adquiriu experiência para retornar a Lages e montar sua própria oficina, onde fazia móveis entalhados, peças decorativas e esquadrias de madeira.

Figura 5 – Galpão Oficina de Marcenaria em detalhe.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Ambos contam que no início das atividades da oficina, o contexto da cidade era do auge da exploração de madeira na região e que existiam muitas serrarias e indústrias ligadas a essa atividade na cidade. Por essa movimentação da economia, o volume de trabalho era grande e de grande abrangência regional, muito, também, pelo valor agregado ao trabalho artesanal e especialidade; ou seja, mesmo na época, poucas pessoas tinham habilidades técnicas e artísticas para fazer esses trabalhos.

Tanto ‘tio Marco’ quanto seu filho lembram que passaram a vida toda nesse barracão, pois a família se instalou nos terrenos vizinhos e, ainda hoje, esses lotes têm ligação direta com a oficina. Apesar de contarem que, com o tempo, os familiares foram mudando-se para outros bairros ou cidades, quando foram perguntados sobre que parte da edificação que lhes chamava mais atenção ou remetia a algum sentimento especial, responderam que era o interior da oficina, em meio às bancadas, ferramentas e móveis – local escolhido para rodas de chimarrão e receber visitas.

4 CONCLUSÃO

Este artigo configura-se como um importante registro da produção das arquiteturas de madeira, demonstrando um sentido presente nessa materialidade que desenha uma cultura

arquitetônica no Sul do Brasil. Constrói uma espacialidade geográfica da madeira, mas também cartografa por meio de pistas, de modo a caracterizar seus traços culturais, raízes tecnológicas e laços vernaculares. Esse constructo se revela também como sentimento inerente ao fazer e ao saber lidar com a madeira. Cremos no entendimento futuro de como essas arquiteturas de madeira podem ainda contribuir com seu conjunto de saberes tradicionais para os projetos contemporâneos de uma maneira mais inteligente, sem buscar mimetizá-los ou derrubá-los e que leve em consideração os traços culturais da tradição.

5 REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA (Brasil). ROBERT CHRISTIAN BARTHOLD AVÉ-LALLEMANT. 2020. Disponível em: <https://www.anm.org.br/robert-christian-barthold-ave-lallemant/>. Acesso em: 24 maio 2022.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). In. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, pp. 52-75.

BEBER, M.V. **Complexidade e Ocupação do Planalto Sul-Brasileiro**: Um olhar a partir de São José do Cerrito, Estado de Santa Catarina, Brasil. R. Museu Arq. Etn., 27: 168-178, 2016.

CLARO, Anderson et al. **A produção de casas de madeira em Santa Catarina**. 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Licurgo. **O continente das Lages**: sua história e influência no sertão da terra firme. Lages: FCC Edições, 1982.

FIORIN, Evandro. Nômades: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo – Por um (re) conhecimento urbano. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.], v. 20, p. 203-222, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2021.160287. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/160287>. Acesso em: 21 set. 2022.

HILDEBRANDO, Valdemiro. **Um Novo Eldorado madeireiro?** Notas sobre a produtividade industrial nos Campos de Lages. Revista Cadernos de Economia, v. 13, n. 24, p. 19-31, 2009.

IBGE. Cidades: Lages, Santa Catarina. 2015. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420930&search=santa-catarina|lages|infograficos:-informacoes-completas>. Acesso em: 20 fev 2018.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. Cap. 1. p. 32-51.

KRAHL, Rafael Marcos Zatta; SANTOS, Lilian Louise Fabre. **Arquitetura de Madeira**: um olhar sobre o patrimônio de Lages/SC. In: Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais...Rio de Janeiro(RJ) UFRJ, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xvshcu/83071-ARQUITETURA-DE-MADEIRA--UM-OLHAR-SOBRE-O-PATRIMONIO-DE-LAGESSC>. Acesso em: 24 maio 2022.

OLENDER, Mônica Cristina Henriques Leite. **A técnica do pau-a-pique**: subsídios para a sua preservação. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/12298/1/A%20T%c3%a9cnica%20do%20Pau%20a%20Pique_Subsc%3adios%20para%20a%20sua%20Preserva%c3%a7%c3%a3o.pdf.... Acesso em: 24 maio 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011. Parte 2.

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada**. Porto Alegre Bookman, 2013. p.118-139.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. Cap. 1. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 207 p.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. Lages: Editora Uniplac, 2002.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. **A Casa do Planalto Catarinense: Arquitetura rural e urbana nos campos de Lages, séculos XVIII e XIX**. Lages (SC): Super Nova, 2015. 220 p.: il.

SILVA, C. G T. **Conceitos e preconceitos relativos às construções em terra crua**. 2000. 155f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, 2000.

SILVA, J. B. **Metodologia de análise e diagnóstico da madeira na preservação do patrimônio histórico**. 2008. 148 f. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais)-Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SOUZA, L. do N.; FIORIN, E.; RODRIGUES, L. da S. Walking as an intervention : Apprehensions of the railway in Bauru-SP. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades** , [S. l.], v. 9, n. 74, 2021. DOI: 10.17271/2318847297420213021. Disponível em:
https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/3021. Acesso em: 21 set. 2022.